



Correio de Nisa

SEMANÁRIO DE INFORMAÇÃO E CULTURA
Director - ABEL MONTEIRO



Propriedade da Direcção / Editor: João da Cruz Rosa / Impressão: Tipografia Castelovidense, Castelo de Vide / Redacção e Administração: Largo do Dr. António José de Almeida-NISA

O problema das AGUAS EM AREZ

Por Manuel Mendes da Luz

É simplesmente lastimável a maneira como nesta vila se tem água, para consumo. Os poços e as noras continuam a ser os verdadeiros mares fontenários que asseguram população o seu abastecimento.

As duas velhas fontes, que em longínquo passado deram água suficiente para sustentar a povoação, foram fechadas uns seis anos aproximadamente, por altura da horrível epidemia que sobre esta vilaitou, vitimando dezenas de pessoas.

Era a febre tifóide, que durante meses trouxe estas genuinamente angustiantes e ceifando muitas vidas e atitando para o leito centenas de corpos, que num estado febril contorciam, suportando as demências da terrível doença num sofrimento confrangente.

Com demora, foram chamados técnicos entendidos, que alizaram a água das respectivas fontes, verificando-se que estas estavam inquinadas.

Imediatamente se inutilizaram, proibindo-se o povo de beber delas, pois era sem vida ali, que residia a causa mortal do mal.

Crédulos, todos abandonaram as antigas fontes, que de passagem possuíam as melhores condições higiénicas, começaram a abastecer-se com as águas e dos poços mais próximos das suas habitações.

Desde essa altura até hoje a situação é fadário deste problema aumentado dia após dia.

A Junta de Freguesia de Arez, ante situação tão crítica, nítida tentativa de resolver o problema, lança uma derrama pública, obtendo apenas a pequena quantia de dezasseis contos, que fica muito aquém da necessária.

Entanto a mesma Junta de Freguesia determina solicitar auxílio do Estado, para levar a bom termo a empresa a fazer a obra.

Logo depois tivemos conhecimento de que o Estado tinha concedido uma comparticipação de 5.269\$00. Pouco na verdade, mas nem mesmo esse recebemos, porque a Câmara Municipal de Nisa deliberou não aceitar a execução dos trabalhos em causa, e por consequência a comparticipação do Estado foi anulada por portaria de 9-1-1944.

Então, assim todos os esforços, o problema foi votado

a um total esquecimento, e os processos jazem no fundo dos arquivos, esperando por uma caridosa mão que os levante e limpe da poeira, trazendo-os para um gabinete de trabalho, donde, de planos, se transformem em realidade.

Para tal, é necessária uma grande dose de «boa vontade» por parte daqueles a quem de direito cumpre a missão e o dever de resolverem o assunto.

Estou certo de que podem contar com o apoio da população Arezense, sempre disposta a dar o seu préstimo, a qualquer realização desta natureza.

Agora que foram eleitos novos corpos administrativos, e têm sem dúvida à sua frente um plano a executar, que dentro deste desejo incluído o projecto do abastecimento de águas à vila e primeiro que tudo, se estabeleçam e ponham em prática as necessárias medidas, para não se frustrarem as tentativas, como anteriormente sucedeu.

Mostrai pois o bom vigor, actuando duma maneira eficaz, procurando trazer para este povoado de 300 fogos aproximadamente, aquêle mínimo de bem comum que lhe é dado alcançar.

A realização de semelhante obra, é não só o cumprir dum dever social e moral, um imperativo categórico das nossas consciências, mas também a manifestação duma forte solidariedade que reúne numa só as vontades de todos.

Iniciativas desta natureza, necessitam porém duma poderosa colaboração dos que maior influência dispõem junto dos departamentos, que têm por especial missão resolver e dar incremento a melhoramentos rurais que, como este, são duma necessidade absoluta e uma justa aspiração dos habitantes da Vila.

Nem mesmo está certo, que uma povoação apenas a uns oito quilómetros da sede do Concelho, em constante progresso e que se orgulha disso, consinta um tal abandono. E o Concelho esqueça uma das freguesias que lhe ficam mais próximas e portanto em mala directo contacto com as individualidades administrativas encarregadas de zelar pelos interesses do Município.

Sim, porque o bem particular da freguesia, tem profunda influência no bem geral do Concelho.

Quanto à colaboração do Estado neste melhoramento, pa-

D. Palmira Lobo da Silveira (Alvito)

Finou-se em Lisboa, num destes últimos dias de melancólico outono, a Senhora D. Palmira Fialho Lopes Tavares Lobo da Silveira (Alvito).

Dobramos por ela os sinos da minha terra, que não era a sua. Mas nem por isso a toada fúnebre e plangente caiu menos doloridamente no coração de quantos alguma vez se deram conta da acentuada simpatia, da manifesta predilecção da bondosíssima Senhora por Nisa e pela sua gente.

Casada com o Sr. D. António Lobo da Silveira (Alvito), fidalgo da mais alta linhagem pelo sangue e correcção no trato social, faleceu sem descendência e assim se extinguiu e desapareceu uma família que a todos os nissenses mereceu sempre, por sua opulência de bens e de virtudes, o maior respeito e acentuada estima.

Foram seus pais a popularríssima e muito querida Senhora D. Catarina Fialho, nome por que abreviada e carinhosamente todos a conheciamos, e o Sr. Dr. José Joaquim Lopes Tavares, espirito culto, magistrado distintíssimo e carácter do melhor quilate.

Também, nesta amarga conjuntura, não quero esquecer a figura relevante de outro membro da mesma ilustre família: o Sr. José Fialho Ferro Lopes Tavares, irmão da finada Senhora D. Palmira, o qual, na carreira diplomática, conquistou, à força de talento e proficiência, o mais honroso e digno merecimento.

Nesta ordem de ideias, não deixa de ser menos útil, a concessão duma verba razoável para trazer até nós um dos elementos absolutamente indispensáveis e de importância vital.

Certamente que o Ministério das Obras Públicas e Comunicações não vai ficar impassível perante a angustiosa situação deste povo e procurará fornecer o essencial, para que em breve vejamos coroada de êxito esta necessidade instantânea.

Finalmente aqui fica o desejo de progresso que para o seu torrão natal deseja um nóvel filho desta vila.

E que este «grito» encontre o merecido eco no coração do povo de Arez e seja unanimemente recebido pelos que se prezam de patentear com obras o carinho que dispensam ao seu bérço, à terra onde nasceram.

gnificante destaque.

Ao focar, nesta singela evocação, o aprumo, a distinção verdadeiramente fidalga, com que, nas suas anuais villegiaturas nesta vila, pais e filhos conviviam com a elite local e não desdenhavam tratar despretenciosamente com os mais humildes, a uns prodigalizando requintes de aprimorada sociabilidade e com todos repartindo extremos de afectuosa bonomia sinto-me transportado aos dias da minha infância, em grande parte da qual eu e outro rapazinho traquinámos no mesmo largo em que o primogénito, o menino Zico, fazia as suas travessuras...

E quantas vezes da janela, a que se recostava a respeitável Senhora D. Catarina Fialho, nos caía, das suas mãos ou das da sua azougada e gentil filha, um mimo para a nossa gulodice de garotos e se desprendia, do seu espirito folgazão, um incentivo para os nossos brinquedos!... Como isto vai longe!

No seu magnífico solar, o suntuoso palácio da Praça do Município, a dois passos da modesta casa em que nasceu, (toda a vizinhança o sabia) viviam-se em pleno optimismo, as mais puras alegrias familiares. E a natural euforia, em que se comprazia o ditoso lar, irradiava e transmitia-se a honra da sua convivência ou, por qualquer motivo, se acercavam de tão atraentes e insinuantes personalidades.

Mas, como tudo o que é humano, também esta pulcra florescência de bem-estar tinha de fenecer!...

Foi o primeiro a morte da bemquista Senhora D. Catarina veneranda «dona de tempos idos», que veio cobrir de perpétuos crepes o coração do marido estremoso e dos filhos amantíssimos.

Alguns tempo depois, no regresso de Paris, onde servia na Embaixada de Portugal, a pneumónica vítima, na sua residência em Lisboa, em pujante maturidade intelectual e cívica, o ilustre diplomata José Lopes Tavares.

De então para cá, o pobre Conclue na pag. 2

Aqui... Rádio Jornal

UM PENSAMENTO
Sejam as memórias da pátria que tivemos, o anjo de Deus que nos revoque a energia social e nos santos afectos da nacionalidade.
Alexandre Herculano

UMA QUADRA
Ouve muito e fala pouco
Aprende com paciência;
Em sabendo que não sabes,
Chegaste à melhor ciência.
António C. de Oliveira

UM PARÁGRAFO
...São tantos os exemplos, que não há dificuldade para provar os danos do Jogo.
Olhem-se as lágrimas; escutem-se as tragédias. Era dito dum discreto que vinho, Jogo e tabaco se deviam de vender nas boticas, como mezinha.
D. Francisco Manuel de Melo

COMPARAÇÕES
Assim como a terra amolece com a água, assim o homem nobre abranda com boas palavras.
Frei Heitor Pinto

UM DITADO
Não peças a quem pediu, nem sirvas a quem serviu.

ECOS DO MÊS
Existe tal diversidade de causas, que dão origem a que os «Ecos do mês», no primeiro «Aqui... Rádio Jornal», enviados para o «Correio de Nisa», sejam simplórios e breves, como necessário se torna para qualquer banal apresentação.
Assim, caros leitores do «Correio de Nisa», é em rápida resenha que apresentamos as nossas saudações, esperando confiadamente a feliz interpretação da nossa única finalidade:

«CULTURA E PROPAGANDA»
Cultura, nas colunas deste jornal, para os leitores, apresentando o conhecido e o desconhecido; para os que escrevem, obrigando-os a uma ginástica intelectual de que muito beneficiam.
Propaganda? Sim, seguindo apenas o lema «Tudo por Nisa».
É este o único «Eco» que retumba ainda com som vibrante nas quebradas, através de Portugal, honrando e enobrecendo a terra onde nasceu.
N. C.

Os nossos colaboradores
Dá-nos hoje o prazer da sua colaboração mais um nóvel paladino da Imprensa, Manuel Paulo Mendes da Luz, rapaz de esplêndidas qualidades de carácter, a quem este jornal, com todo o prazer e simpatia, facultas as suas colunas, sempre que deseje utilizá-las.

ESTE NÚMERO DO «CORREIO DE NISA» FOI VISADO PELO CENSOR DO DISTRITO.

Gazetilha

Tigres, serpente, leões,
«feras bravas» de tremer,
andam na Itália a comer
quem escapou dos canhões.
É tão grandes confusões
ocasiona a bicharia,
que durante todo um dia
e uma noite, sem cessar,
toda agente foi caçar,
tudo andou na montaria.
SUMATRA DE LEMOS

ANTOLOGIA

Minha Mãe

por AUGUSTO DE SANTA RITA

Minha mãe, que saúde, ai que imensa saúde,
D'aquê tempo d'ouro em que eu era menino,
Tendo dentro do peito a intensa claridade
Que há nas notas de orquestra executando um hino!

D'aquê tempo bom, sonoro e cristalino,
Que do meu Ser voou para a Imortalidade;
Em que tudo era grande e só eu pequenino
E em cada minuto era uma eternidade.

D'esse tempo ideal, só feito de candura,
Em que até mesmo o Mar tinha maior grandeza.
O Sol tinha mais brilho e os campos mais verdura

E em que eu, ao pôr as mãos, criava em minha reza
A concepção de Deus, por entre a noite escura,
Velando lá do Céu por toda a Natureza!

D. Palmira da Silveira

(conclusão)

pai vive cada vez mais acobardado e, embora de quando em quando volva a matar saudades na sua casa de Nisa, são estas que o vão matando. E não lhes resiste.

De ano para ano a sua figura alquebrada verga mais e mais ao peso dos desgostos e, para cúmulo do sofrimento, ia notando que a filha idolatrada único ramo sobrevivente da sua árvore genealógica, se consumia ao fogo lento mas implacável de pertinaz doença.

Até que um dia caiu de vez. E lá o levaram da casa que lhe sorria às mais reconfortantes alegrias domésticas, para a capital, a dormir um sono eterno junto daqueles que na mansão dos justos o esperavam.

E ficou apenas, transida de saudades e amarfanhada por seu irremediável padecimento, a sombra da que fora, noutros tempos, a garrula, a inteligente, a espirituosa, a alegre e comunicativa D. Palmira.

Apesar de todo o carinho e extremos de solicitude do dedicado esposo, nada podia desviá-la do funesto desenlace. A passos rápidos caminhava para a morte e foi num destes dias últimos de melancólico outono que a desditosa Senhora encontrou o termo da via dolorosa.

A quem competir

Chamamos a atenção das instâncias competentes para estado em que ficou a escada de acesso à torre do relógio, depois do restauro da antiga Porta da Vila. Sem corrimão e sem qualquer resguardo, pode dar-se nela desastre de gravidade.

E às autoridades locais também não será inoportuno lembrar a conveniência de não permitirem que a mesma escada sirva de anfiteatro nas ocasiões em que, como na procissão nocturna dos Passos, o povo se aglomera no largo da Igreja Matriz.

É que alguns «meninos» já para ali têm ido praticar a «gracinha» de atirar pedras sobre a multidão. E, como elas não levam sobrescrito, ninguém se livra de ser apedrejado por qualquer garoto...

Velhos Dizeres

Panela de muitos, mal comida e pior mexida.

Não há melhor espelho que amigo velho.

À sua alma, que Deus enriquecera de peregrinos dotes, queira Ele também dar a perenidade da bemaventurança.

J. FIGUEIREDO

Recordar é viver!

OUTUBRO DE 1908.

JOSÉ C. BUCHO

Depois de dez anos de prática na Farmácia Almeida, retirou no dia 15 para Lisboa o Sr. José da Cruz Bucho, que na capital foi habilitar-se para as provas finais do seu curso.

Um grupo de rapazes, amigos dedicados, quizeram patentear-lhe a sua estima acompanhando-o à estação de Rodam e oferecer-lhe no Porto do Tejo um almôço de despedida.

José Bucho é um dos mais devotados amigos da sua terra, alma generosa e consciência íntegra. Conseguido o diploma de farmacêutico, fixou residência e constituiu em Ponte do Sor o seu lar, há pouco dolorosamente enlutado com a morte da estremeida esposa.

Ao ler estas linhas, certamente o bom nrisense deve sentir no peito o «delicioso pungir» duma saudade distante, a recordação das horas de amistosso convívio à beira do Tejo, nesse dia em que, há trinta e sete anos, alguns dos seus muitos amigos ali foram afirmar-lhe os mais sinceros votos de prospero futuro.

E há-de lembrar-lhe ainda a visita que, ciceronados pelo então Administrador de Vila Velha de Rodam, Sr. Henrique Augusto Palma, se fez às minas de cobre, nessa época em exploração junto ao viaduto de S. Pedro, na linha férrea da Beira-Baixa.

Dêsse grupo de rapazes, quantos não desapareceram já na paz do túmulo?!

E, para os que restam, a maior parte, desfeitas tantas delusões, o maior refrigério, entre as agruras da existência, é, como agora, reviver as alegrias saudosas da juventude...

Quem Canta...

O meu cantar hoje em dia já não é como tem sido: é como o calçado usado, que tem o lustro perdido.

Meninas, não façam caso, se a cantiga for errada; também o bom caçador atira, e não mata nada.

ANUNCIEM NO «CORREIO DE NISA», QUE CIRCULA EM TODO O PAÍS.

Póvoa e Meadas

CASA PAROQUIAL—Estão-se ultimando os preparativos para que as obras da Casa Paroquial de que já aqui demos noticia comecem em breve e uma vez começadas possam seguir o seu curso, sem complicações de espera. Já muitos manifestaram a sua generosidade, inscrevendo-se na lista dos donativos.

A boa vontade persevera e hora a hora vão-se notando manifestações eloquentes dessa boa vontade. Uma quantia mais ajudada do que se esperava, uma inscrição de quem não recebe o mínimo benefício da Póvoa, que nunca a viu e só por altruísmo concorre, os povosenses que vivem longe da sua terra a associarem-se activamente, tudo dá estímulos e fontes de consolação para quem mete ombros a melhoramentos paroquiais.

Leitor amigo se és da Póvoa ou se a ela estás ligado, pela residência, pelo trabalho ou até mesmo só pela amizade, não te esqueças mandar a tua pedrinha, porque é de pedrinhas que se constrói o edificio. Nunca se viu que qualquer obra desta natureza fosse formada por uma só peça. Assim o teu donativo será um pedrinha, maior ou menor, que concorrerá para que o edificio se levante e nêle tenhas a tua quota parte.

ELEIÇÕES—Decorreram na melhor ordem as eleições desta freguesia.

Os eleitores abeiraram-se em número regular.

DESASTRE—Quando serrava um pedaço de madeira, no passado dia 20, feriu-se gravemente num dedo o carpinteiro sr. António Ramos Pena que depois de receber os primeiros tratamentos pelo sr. Dr. João Transmontano, seguiu para Portalegre. Desejamos rápidas melhoras.

FESTA DE N. S. DA CONCEIÇÃO—Precedida de novena realizou-se ontem a festa a N. S. da Conceição que nesta freguesia alcançou já os foros de tradicional. Houve missa cantada, sermão e procissão.

VENDE-SE

Um piano, armado em ferro, Cordas cruzadas.
Rua da Fonte da Cruz, 97—NISA

Grémio da Lavoura de

NITRADO DO CHILE—tem em armazem, para a venda imediata, podendo, por os associados requisitarem quantidades de que careçam.

BONUS DE SEMENTEN—Encontram-se, desde já, em pagamento estes bonus de cada quilograma de trigo nifestado para sementeira colheita de 1944.

COTAS—Encontram-se cobrança as cotas dos associados para boa organização escrita deste organismo, mos o favor de mandarem tuar o pagamento de tais até ao fim do corrente m.

ENTRADAS DE CEREAIS—Continua o recebimento celeiros da F. P. T., de e centeios da última colheita.

Os recebimentos de serão iniciados logo que nham ultimado as saídas curso do milho da colheita anterior que está armazenada ditos celeiros.

Língua Pátria

SEMANTOLOGIA

Pelo Dr. Carlos

—Caligrafia—É essencialmente de origem e segundo o seu étimo re dizer bonita grafia nita escrita. Com o dos tempos, perdeu noção do significado primeiro elemento da vra, dizendo toda a que fulano ou beltrão um bonita ou feia calli (Vid. o 1.º Vol. das Reflexões Etimológicas, Porto, 1941, pag. 70).

Capitão—Que pr da mesma parte que de cabul—cabeça, não tante ser um pósto superior àquê, não gna a idéias que lhe segundo o seu signi primitivo (Cfr. Rodr Sá Nogueira, Questões de Linguagem—2.ª Parte, boa, 1935, pag. 78).

Carroça—Ainda no po do P.º António servia para reis e pas: «Ante hontem em carroça o patri (C. I. 238); hoje carro leva materiais e lixo Eduardo Carlos, Gramática Histórica, 265.

(Continua).

O FEITICEIRO

Conto inédito

por JOÃO TAVARES MACHADO GRÁCIO

—Soube que era bondoso e muito estimado dos camponeses...; será para mim motivo de regosijo se conseguir ganhar-lhe a amizade!...

—Oh! A minha amizade não se ganha! Deus dá-m'a para que eu a distribua igualmente pelos homens... (havia algo de misterioso, um misto de saudades e despresos nas cintilações d'aquê olhar... no unir das sobrancelhas, no seu im-

perceptível franir da testa, parecendo que no cérebro lhe afluiam em estadupa desordenada recordações de outros tempos... que lhe sopravam sobre as cinzas do passado... e uma lágrima furtiva aflorou ao canto dos seus olhos perlado pela face quando se fezera silêncio entre nós).

—Por que chora bondoso homem?!

—Para regar a flôr da saú-

dade... toda a nossa vida se compõe de três períodos bem distintos: o primeiro, o da esperança é gômo que desabrocha à sombra da frondosa árvore da ilusão... afaga-se com elêvo e carinho; o segundo, o da plenitude, é flor vicejante tão bela como frágil na duração... ostenta-se com garbo e orgulho; mas eis surge o terceiro, o de saúde, que é rosa ferida pela calmaria e de delicada se estiola pouco a pouco, ficando a haste, nua, sem o colorido das pétalas a dar-lhe o sabor da fantasia... essa rega-se com as lágrimas até a fonte dos olhos secar também.

—(Eu estava constrangido; sentia funda comoção e o próprio instinto me impunha si-

lêncio...) —Disseram-me que lia no futuro!... E eu gostava tanto de saber!

—Sim! Compreendo: não te chega o passado nem te bastas com o presente... é bom sinal; mas olha porém que futuro não há: este é todo feito de presente que há-de vir, o passado é presente que passou... e não obstante voltará. A sucessão dos factos assemelha-se a um sólido que gira sobre si com maior ou menor velocidade... de quando em quando o apeteece-lhe mostrar uma face repetida...

—(Admirado preguntel:) —Então não é feiticeiro?

—Chamam-me assim lá em baixo — (disse apontando a povoação) — duas d'af mal al-

gum me vem... para hei-de ofender?!

—(Eu estava deveras raçado e não sabia com as suas respostas incertas...; após curto silêncio de chôfre:) — Não que a minha cina?

— Ora essa!... pois se é da tua vontade?!

—Não!... E vi-o de Vagar levar e com passo firme en choupana onde acendou pinha enresinada; dep mou-me à boca da chocele fechou a porta a mim.

(Conti

Anúncios—1500 cada linha, segundo o Hômetro de corpo 8. Anúncios permanentes e especiais — contrato — especiais. Número avulso—550. Números atrasados: 1500. A correspondência é dirigida ao Director.

Correio de Nisa

SEMANÁRIO DE INFORMAÇÃO E CULTURA

Assinatura, um ano—26300, continente; Colónias e Estrangeiro, com o acréscimo de portos. Não se restituem "ginats" quer sejam ou não blicados. — Toda a colaboração para o jornal é solicitada.

A Santa Igreja veste hoje as suas melhores galas para festejar e celebrar entre Missas e cânticos de triunfo as glórias da S. S.^{ma} Virgem, Mãe de Deus, Mãe nossa e Padroeira gloriosa da nossa Pátria.

É a festa da Imaculada Conceição. Se hoje ela não tem aquele brilho que lhe emprestava o elemento oficial com a sua presença, numa afirmação pública de reconhecimento aos seus direitos de Senhora Soberana da nossa terra, de confissão e agradecimento por assinalados favores através da nossa história, ela é celebrada com todo o esplendor litúrgico no recolhimento acolhedor das nossas igrejas. E se lhe falta aquele aparato externo, tantas vezes simples exibicionismos de vaidade, fria, que nada diz, é com vantagem, substituído pela piedade dos fiéis que acorrem aos templos a confessar a Senhora nossa, na vibração das suas almas, no entusiasmo dos seus corações, numa linguagem misteriosa mas viva e palpitante, que irradia calor, dinamiza, e faz viver momentos de consolação: os melhores da nossa vida.

Como portugueses e cristãos não podemos passar com indiferença este dia glorioso. É o dia da Padroeira.

Terra de Santa Maria a chamaram os nossos maiores. E que a escolha não foi feita de ânimo leve e mostram-no-lo, com sinais bem visíveis, a sua protecção em toda a nossa existência de nação livre e independente, e o amor dos portugueses, raça de heróis e de santos, à sua excelssima Padroeira.

O amor a S. S.^{ma} Virgem foi sempre timbre da alma portuguesa.

É o reconhecimento e proclamação publicas de favores assinalados, de protecção desvelada, carinhosa, em lances difíceis da nossa história.

E não admira que assim seja.

Portugal nasceu, cresceu e desenvolveu-se à sombra protectora da Igreja.

O nosso primeiro Rei sentin-

A S. S.^{ma} Virgem Padroeira de Portugal

alocução feita ao núcleo da M. P. do Colégio Condestável pelo Rev. Padre Sebastião Martins Alves

do à sua volta as ambições de Leão e Castela de que teoricamente defendia, «desconhece sistematicamente a existência deste soberano para emprender guerras, sem pedir o seu auxilio, como para assinar armistícios sem a sua interferência.

D. Afonso Henriques é livre, é independente. Só lhe falta o reconhecimento superior e jurídico da sua situação de facto. Quem poderia dar-lho?

D. Afonso pôs os olhos na única autoridade moral capaz de o fazer, o Supremo Pontificado de Pedro que ligava e desligava na terra, como se isso fora feito no céu. Aos olhos da sociedade medieval era quanto bastava para que a sua autoridade fosse acatada, independentemente de qualquer direito que em contrário pudesse ser invocado.

É que o verdadeiro suserano passava a ser a Sé de Pedro.

Era uma soberania nominal que legitimava a independências daqueles reis que para sacudir a autoridade de soberanos vizinhos, perigosos e incómodos, declaravam só aceitar a autoridade de Pedro, que os não incomodava».

Assim fala um historiador dos nossos dias. E desta maneira Portugal torna-se independente devido ao esforço hercúleo e sagaz do nosso primeiro Rei, verdadeiro chefe de estado que tudo prevê e sabe adinhar, e à acção da Sé de Pedro, pela diplomacia de D. João Peculiar, Bispo do Porto e mais tarde Arcebispo de Braga, que foi o obreiro máximo da fundação de Portugal. Fez sete viagens a Roma para defender o seu Rei e a nossa independência.

E a 23 de Maio de 1179, Alexandre III, pela primeira vez

reconhece a D. Afonso Henrique e aos seus memores, o dignidade real, tomando sob a sua protecção o «Portugalensium regem», ou, como diz o documento então emanado, reconhecendo a integridade presente e futura de Portugal.

Foi assim salvaguardada a nossa existência. Devemo-la ao Pontífice Romano, ao sucessor de S. Pedro.

A nossa história pátria é um constante testemunho do favor divino desde a sua fundação até à actualidade.

Não pátria mais formosa que «ondas do mar e luz do luar viram ainda», nem país mais repleto de maravilhas encantos que «jardim da Europa à beira do mar plantado», nem história mais linda, esmaltada de feitos mais brilhantes.

O heroísmo dos nossos guerreiros batalhando e conquistando terras aos infiéis, era fortalecido pelo amor de Deus e da Virgem S. S.^{ma}, que, galvanizando energias, acordando vontades, os levava a desprezar os perigos, no desejo patriótico e santo, de «dilatar a Fé e o Império».

Foi a alma portuguesa, temperada e robustecida por este ânimo sobrenatural que desfez a lenda do mar Tenebroso, causou a admiração do mundo e deu-nos a Índia, a Africa do Brasil, Madeira e Açores, continentes e ilhas, que são como outras tantas perolas dispersas na imensidade dos mares.

Foi ainda o amor de Deus e da S. S.^{ma} Virgem, que nos fez terra de missionários. O heroísmo de João de Brito, e S. Francisco Xavier, humildade de Santo António, o grande Taumaturgo Português, o elevado misticismo de Nun'Alvares Pereira, e até a obra de navegação iniciada pelo Infante de Sagres, com o fim de espalhar por todo mundo o reinado de Jesus Cristo, e o martirio do Infante D. Fernando, afirmam voluntariamente o valor de uma nação cristã.

E quando um dia Portugal perdeu a sua independência, porque «entre os portugueses alguns traidores houve algumas vezes», nessa longa noite de cativo, a luz que irradiava calor e mantinha vivo o patriotismo dos bons portugueses, dos herdeiros das glórias de antanho, o que mantinha alerta e ardente o desejo de sacudir esse domínio estrangeiro, era a lembrança da protecção da S. S.^{ma} Virgem em tantos passos difíceis da nossa história e a certeza de que, também nesta ocasião, o seu auxilio não faltaria.

E foi ela que armou o braço dos conjurados, foi ela que lhes deu coragem para vencer tanta traição.

Foi o amor da S. S.^{ma} Virgem que, ao ecoar pelo país o grito da independência, despertou as energias do nosso povo e o levantou vibrante e entusiasmado a contar as suas glórias de nação livre e independente.

E o Rei restaurador, D. João IV, nessa hora de triunfo, ao receber a coroa gloriosa de seus antepassados, reconhecendo mais uma vez assinalada protecção do S. S.^{ma} Virgem, em feito tão glorioso, proclama a Padroeira do Reino.

Mas só em 25 de Março de 1646 é que as côrtes reunidas em Lisboa, por sugestão de D. João IV, consagraram solenemente o Reino a Nossa Senhora da Conceição, coroada em Vila Viçosa, Rainha dos Portugueses.

Era de justiça tal consagração. Ela era o reconhecimento público e solene de tantos favores recebidos.

Mas o Rei não contente com esta decisão mandou colocar, nas portas das cidades e vilas mais importantes do reino, lapides, para que perpetuassem pelos séculos fora esta consagração e fossem testemunho do seu muito amor a tão excelsa Padroeira.

Decreta também que nenhum estudante possa receber graus académicos se não jurar defender o dogma da Conceição Imaculada da S. S.^{ma} Virgem.

Era, neste decreto, o bom povo português a falar pela boca do seu Rei.

E assim, antes que do alto do Vaticano, o Sumo Pontífice Pio IX, rodeado de grande número de Cardeais, Arcebispos, Bispos e numeroso clero, proclamassem, no dia 8 de Dezembro de 1854, o dogma da Imaculada Conceição da S. S.^{ma} Virgem, já Portugal inteiro professava e defendia esta doutrina.

A proclamação dogmática veio alegrar a alma nacional rectificando-a, de que se não enganara, no objecto do seu amor e da sua veneração.

Em 1818 foi estabelecida pelo Rei D. João VI, emanado do «Palacio do Rio de Janeiro», com a rubrica de Sua Magestade e voto da Mesa da Consciência e Ordens», para ficar perpetuada a memória de tão extraordinários sucessos e da devoção que consagra a N. Senhora da Conceição, invocada por Padroeira destes Reinos pelo Senhor D. João IV, meu predecessor e avô...

Era mais uma consagração do seu direito da Padroeira. Pois ela fora-o sempre.

Padroeira de Portugal, livrando-nos de tantos perigos em horas tão difíceis, e em que tudo parecia ser contra nós; Padroeira de Portugal, no fragor das batalhas, sustentando a coragem dos nossos soldados

Padroeira de Portugal, na ferencias e disputas internacionais, guiando os nossos passos na defesa dos nossos direitos de reacção livre e independente; Padroeira de Portugal em tantas e tantas outras situações. E finalmente, Padroeira de Portugal, na mensagem vadora que nos trouxe Fátima.

Por tudo isto, é necessário que, a nação portuguesa, ás suas pristinas eras de deza e glória conduzida não de tão boa Senhora.

É necessário no dizer, de ta António Correia de Oliveira acender no lar português me novo das antigas br para que, um povo ar corra de um extremo ao do país, acalentando os cor e elevando-as para o alto horizontes largos, longe dio e ambições desmedidas.

É necessário que o Português, seja no dia mesmo poeta um cristão do de alma.

Rapazes da Mocidade Portuguesa.

Mocidade Portuguesa, lante de vontades nobres dazes, que anela por um tugal melhor; que, de oltos na Pátria que quere vez mais bela e respeitadlhais mais alto e fixos olhares e amor em Deus S. S.^{ma} Virgem; ala dos nos dos do século XX, do beleza da santidade, os vossos corações puros os de pensamentos nobres gnos, que, preparando-ra a vida, o mesmo é dis para a luta, quereis, Copaladinos do Condestável to, lutar por Deus e pela dar por ela a vida, se preda para a libertar dos falsos fetas e internacionalismos minosos; digo-vos, rapaz cidade em flor, almas fã deixar-se impressionar p ragens enganadoras e an por croneas doutrinas, queréis ser um dia os continuadores dos nossos passados que «deram mundos ao mundo», se ver realizados os sonhos bres que povoam a nossa ginação, só tendes um ca a seguir: deixai que o voção se encha de um amor a Deus e à Virgem nossa Escelsa Padroeira, que só assim amareis ta e verdadeiramente, a no tria.

Assim sereis dignos d dentes dos nossos heróis tos.

Eles foram grandes, tiveram um ideal e por sacrificaram, servindo-o.

Eles foram grandes, tiveram confiança em Deus.

Que vós tenhais ta confiança em vós e sob em Deus.

Tende também o vos e que por ele vos sacri servindo.

ANUNCIEM NO «CORREIO DE NISA», QUE CIRCULA EM TODO O PAÍS.

FANTASIA...

Tu, que gostas de ouvir memórias do passado Que dirias, então, se eu te lembrasse agora Aquela tarde em que nós fomos, campos fora, Por entre os milharaes, a rir, de braço dado?

Nem te recordas já, talvez, do ar cansado Com que, sentada, após, na borda duma nora, Mostraste o pé dorido — ingénua sedutora! Que uma profana areia havia magoadol!

E — lembra-te? — depois, aquele rouxinol. E a ermida, a seara, o rio, o por do sol A ensanguentar o céu, numa imensa agonia...

Mas foram o sapato empoeirado, a meia, A alvura ao teu pé e aquele grão d'areia, De todos, o maior encanto desse dia!

Dezembro de 1945.

A. DINIZ PORTO